CmP 2.1.10.39

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ORAÇÃO DE PARANINFO DA TURMA DE 1973 DA FACULDADE DE DIREITO, MANDADA IMPRIMIR POR ORDEM DO PROFESSOR DOUTOR BENEDITO JOSÉ BARRETO FONSECA, MAGNÍFICO REITOR DA PUCC, EM COMEMORAÇÃO AO VII CENTENÁRIO DE SÃO TOMÁS DE AQUINO, PATRONO DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS.

TOMÁS DE AQUINO

por

MILTON DUARTE SEGURADO

Alguns lêem São Tomás e não estão de acordo com ele; outros não o entendem; eu sou o único que não o entendo e estou sempre de acordo com ele.

Campinas, 1974.

Composição - Sistema Composer
Impressão - Depto. de Artes Gráficas
PUCC

Magnífico Reitor
Sr. Diretor da Faculdade de Direito
Distinta Mesa
Prezado público

Meus afilhados

Sem qualquer modéstia franciscana, sinto-me tomado de orgulho romano por ter sido escolhido paraninfo desta 19ª turma, a primeira, histórica, que conseguiu, num quatriênio árduo, concluir o curso jurídico, desde a Ciência do Direito, a que eu mesmo vos introduzi, até o plano internacional, em que se deu o nosso inesperado reencontro.

E neste dia de júbilo de vossa colação de grau, desejo, de coração, antecipar-vos as melhores felicidades, além das terrenas, na vida nova que encetais, principalmente as espirituais, no sentido que lhes deu o onomástico de hoje: a posse do bem infinito.

Muito obrigado !

Agradeço também as palavras comovidas de vosso orador e meu colega, bacharel Hélio Silva de Carvalho: semelham mesmo um raio de sol a iluminar frondosa floresta.

Tamanha é a projeção da figura do dia de hoje que foi ela louvada tanto pelo calvinista Grócio, nela se apoiando ao criar o Direito Internacional Público, como pelo luterano von Jhering, que deixou escrito: "Quantos erros se evitariam se houvessem conservado a sua doutrina ! Minhas idéias já se achavam melhor expressas por este pensador robusto ! "

Há exatamente sete séculos, no dia de hoje, 7 de março, que é o de vossa festiva formatura, entrava o padre Piperno com o viático na cela da abadia cisterciense de Fossanova, onde agonizava Tomás de Aquino.

Terminada a confissão, declarou: "Acabo de ouvir uma criança de quatro anos".

Esta criança, destinada a ocupar o mais alto cimo, do céu como da filosofia, nasceu num lugar também alto. Entre Nápoles e Montecassino ergue-se, numa eminência de pedras, o castelo de Rochasseca: o ninho onde aprendiam a voar as aguiazinhas da família nobre dos Aquino.

Sétimo filho de pai violento, o guibelino Landolfo, conde de Aquino, e de mãe ambiciosa, Teodora, condessa de Teati, aí nasceu Tomás em 1225.

Levam-no à abadia beneditina de Montecassino para que estudasse com o tio Sinibaldo. O menino é arredio e sumamente taciturno.

Aceita tudo como Deus o fez, não gostando porém de trovoadas.

Não fala, senão para pôr os frades em apuros com a pergunta: — "Que é Deus?"

Continua os estudos em Nápoles, onde vê pela primeira vez o hábito preto e creme da ordem mendicante recém-fundada por Domingos de Gusmão.

Quer ser dominicano, no que é contrariado pela família; consideram isto uma "viltà" para a Casa dos Aquino: é o mesmo que casar-se com cigana lazarenta ou participar da marcha-da-fome organizada por subversivos.

Se ao menos quisesse ser presbítero; chegaria logo a bispo ou cardeal.

Insiste em ser apenas frade, tal se Napoleão jurasse ficar soldado raso a vida toda.

Fugindo, é preso pelos irmãos Landolfo e Reinaldo, que o encerram na torre de S. Giovanni, a pão e água, até que desista da execrável idéia de seguir aqueles frades comunistas.

A demovê-lo, contratam os serviços profissionais de uma dama de vida airada, introduzindo-a no cárcere.

Meditando junto ao borralho, num segundo percebe Tomás a tramóia; e agarra uma acha acesa.

A meretriz nada vê que está tudo escuro. Nisso, salta-lhe à frente um vulto, negro e baixo, lançando fogo à frente; ela foge a gritar: "O diabo... é o diabo !..."

Era Tomás que a escorraçava, a defender a castidade, brandindo um tição fumegante; conseguido o intento, esmurra o tição na porta num grande sinal da cruz.

Por meio duma corda e um cesto, logicamente largo e resistente, auxiliado pelas irmãs Marieta e Teodora, consegue escapar da torre, fugindo ao burgo.

Segue para Paris a acompanhar João Teotônico, geral dos dominicanos.

Alberto da Suábia foi paradoxalmente chamado o Doutor Universal; a verdade é que era especialista em tudo; tendo sido o primeiro químico da época, é hoje tachado de o último dos alquimistas medievais; também o consideram hoje o último dos astrólogos quando realmente foi o primeiro astrônomo moderno. Tal mestre mereceu mesmo ser batizado com água de Colônia, e não podia ser diferente, uma vez que nasceu lá mesmo...

Na internacional Idade Média este alemão foi convidado a lecionar filosofia em Paris. Vede se hoje poderia repetir-se o fato.

Raciocinava ele em abstrato: Se um unicórnio tem um só chifre, quatro unicórnios terão tantos chifres quanto duas vacas. A verdade desta afirmação independe da existência de unicórnios. E mesmo de vacas.

Em sua classe apareceu um brutinho italiano, gordo e baixo, que não falava nunca. Apelidaram-no o "boi mudo".

Explana Alberto Magno em aula os "nomes divinos".

Na última fila o tolinho resume o ponto, talvez em quadro sinótico.

Uma lufada de vento desprega a folha do caderno, levando-a ao Mestre, que a lê com espanto. Empraza o aluno para discussão oral, quodlibética.

O objetante é o próprio Alberto.

Tomás distingue, nega, concede, contradistingue. E conclui o Doutor Universal: "Chamais a este "o boi mudo" ? Dia virá em que mugirá tão forte que o escutará o mundo inteiro !"

E voltando à Colônia leva consigo "o boi mudo".

Em Paris, em 1252, "o boi mudo" começa a mugir: comenta São Mateus e redige, entre outros, a "Suma contra os gentios".

Urbano IV o chama a Roma. Explica Jó, São Lucas, e completa a "Catena Aurea", comentários aos quatro Evangelhos, não existentes em português.

Nas horas vagas toma a lira de poeta e compõe o "Tantum ergo" ou Ofício do Santíssimo Sacramento:

"Pange lingua gloriosi
corporis mysterium..."

Como achar em vernáculo onomatopéia análoga a este bimbalhar de sinos: — "Pange lingua" ?

Precisa, tão distraído é, para se alimentar, de secretário perpétuo.

E é tão volumoso que o acomodam à mesa, dela cortando um pedaço, em forma de meia lua, para que se pudesse sentar...

Salva Aristóteles, empeçonhado pelos averroístas, comentando-o, colado o mais filologicamente possível ao texto.

Não levou o Evangelho ao Estagirita mas trouxe este a Cristo: batizou o pagão, cristianizando-o.

Amando os animais, São Francisco nos salvou de sermos budistas; São Tomás, amando os gregos, nos salvou de sermos pagãos.

Alarga o seu pensamento e simplifica o próprio método, analógico, quando impossíveis a indução ou a dedução. Combina a força das idéias com notável economia de meios: tratar de modo simples temas complexos.

Tendo por base o conceito da contingência humana, levanta com duas alavancas — o princípio de causalidade e o princípio de razão suficiente — o edifício da Suma.

Estima a tradição, louva Agostinho e a patrística, admira os árabes, respeita os judeus, lê os pagãos, lê tudo, estudando até os inimigos do Cristianismo, amando, acima de tudo, a Verdade.

Seguindo o Peripatético, nega a tese que pretende provar.

Depois objeta, com prova, várias vezes contra ela, isto é, contra o erro, deixando para o fim a objeção mais fraca, que vira pelo avesso no argumento "Sed contra", sem prova.

Em seguida apresenta a solução, respondendo, então, às objeções, uma por uma, na ordem em que foram propostas.

Seu estilo é objetivo, sóbrio e impessoal; esconde mesmo friamente a sua personalidade: é o cantochão gregoriano, e tão revolucionário como este.

Mobiliza em sua cabeça um exército de idéias: 3 partes, 38 tratados, 631 questões com mais de 3 mil artigos, armados de ponto em branco contra as objeções inimigas !

Certa feita, ceava na corte de Luís IX de França, seu primo e também santo, já preparando a Sétima Cruzada. A santidade não era rara nesta

família. Tomás silenciava em diversas línguas. De repente, em meio à algazarra do banquete, levanta-se o dominicano, olhar parado no espaço, e prega um valente soco na mesa ! Mudos de espanto, ouvem-no: "Achei o erro dos maniqueus !..."

Preocupara-se durante muito tempo, buscando o erro filosófico desta seita. A hora do "eureca" chegara neste instante — o instantâneo do gênio, que não distingue entre ócio e trabalho.

Os maniqueus, dualistas, achavam que Deus só criara as coisas boas e espirituais; as más e materiais eram do demônio. Aquino se insurge contra esta divisão simplista do mundo entre Deus e o mal.

Não há coisas más: há o mau uso das coisas boas, a propriedade inclusive.

Outro soco com repercussão na História só em 1521, quando uma manopla germânica desceu sobre a mesa de Worms: — "Aqui estou. Não posso agir diferente. Deus me ajude. Amém !"

Submete o Doutor Angélico a Filosofia à Revelação, fazendo a Razão concordar com a Fé.

Declara que a existência de Deus, ser em que a essência se identifica à existência, não pode ser provada "a priori", pois entre o Criador e a Criação permeia o ser contingente; só será demonstrada "a posteriori", e de cinco modos; que a matéria não pode existir fora da forma e a eternidade da matéria é uma impossibilidade; o mundo material teve um começo e terá um fim.

Corpo sem espírito é cadáver; espírito sem corpo é fantasma; o Homem é união imediata de corpo e alma, que se mutuam os seus auxílios. O corpo e o espírito se beneficiam dos cinco sentidos, que são as janelas da alma, imortal e indestrutível.

A moralidade do ato humano depende do livre arbítrio, o que nos torna responsáveis. Nossos atos dependem da vontade, esta da razão e a razão está submissa à lei eterna, que se ancora em Deus.

Só o homem santo (são) é verdadeiramente livre, e como a liberdade é a característica do homem, apenas o santo é verdadeiro homem.

Em 1268, Aquino, de repente, é chamado a Paris. Os estudantes contendem com as autoridades; os seculares contra os regulares; os agostinianos contra os dominicanos; os averroístas contra os aristotélicos.

Inflama-os há 15 anos o averroísta Siger de Brabante, inventor das duas verdades gêmeas. Afirma que uma verdade teologicamente certa é contradita por outra verdade cientificamente certa, irmanando-se ambas. Rachava, assim, o entendimento humano em dois; com um, podia-se crer, e com o outro, totalmente descrer. Parecia a paródia do tomismo; de fato, era a sua morte.

O capuz da lenda ocultava duas caras e o sofista de Brabante insinuava que este capuz era o dominicano, e que o tomismo concordava com sua teoria, apresentando como o tapete legítimo o avesso dele.

Pela primeira vez sente Tomás ferver-lhe o sangue napolitano dos Aquino. Sabia que a Verdade, sendo uma só, podia ser atingida por dois caminhos: a Razão e a Fé.

Das outras vezes respondeu imperturbável aos adversários.

Mantinha-se superiormente calmo até em naufrágio. Agora saltou, não o "boi mudo", mas como touro bravo em loja de porcelana.

E bateu-se, não com argumentos teológicos seus, mas em terreno filosófico, derrotando-o no próprio campo dele.

O bispo de Paris, Estêvão Tempier, publica a lista das teses condenadas, entre as quais treze do brabanção e algumas da ala augustiniana.

Nenhuma tese tomista no rol das fulminadas. Vencera o tomismo, reformador da Escolástica.

Primeira vitória pública.

Que o tomismo seja a filosofia do bom-senso, o próprio bom-senso o proclama.

Muito conhecido é o episódio do colega que o convidou a ver um boi voando. De imediato, põe-se Tomás à ogiva da cela.

Nada vê.

— "Pois com todo o teu saber, acreditas que um boi voe ?"

— "Achei mais fácil que um boi voasse do que um frade mentisse".

A verdade é que o "boi mudo" voou — e a regiões tão altas, onde até mesmo os anjos do Doutor Angélico recearam segui-lo.

O Homem virtuoso é prudente, forte, temperante, e, principalmente, justo. A Justiça é virtude por excelência; objetiva, aperfeiçoa-nos

de dentro para fora, com relação ao próximo. É cega como a Fé e sua alteridade a aproxima da Caridade.

O justo perfeito não se contenta de evitar o mal; faz o máximo de bem possível. Dá a cada um o seu.

Observa a ordem natural em que as pessoas têm direitos e deveres iguais (Justiça comutativa) e a ordem social em que reina a hierarquia de funções e serviços (Justiça distributiva). Não só pratica a Justiça por si mesmo: vivendo em sociedade, encaminha todo o seu trabalho para o bem comum (Justiça legal).

A Família se funda no instinto sexual, como manifestação de um desejo de imortalidade: perpetuar a sua vida na continuidade do filho.

É contra o divórcio e pela indissolubilidade do casamento monogâmico.

Como este obriga a espécie e não o indivíduo, nada tem que objetar contra o celibato.

Qual a melhor forma de governo ? Depende das necessidades de cada povo. Dos três tipos clássicos — monarquia, aristocracia e democracia — a menos defeituosa é a primeira por melhor concatenar unidade e autoridade; mas, acrescenta, quando degenera em tirania, é a pior das três, admitindo o santo, excepcionalmente, neste caso, a revolução.

Aconselha um regime misto: acima, deve haver um rei só; abaixo, um Senado, pequeno, eleito por sufrágio popular. Desta forma, seria o governo de um só (monarquia), aconselhado pela seleção (aristocracia), sufragado por todos (democracia).

Paz não haverá sem lei.

Lei é ordem, racional, para o bem comum, promulgada pela autoridade.

Distingue três leis: a eterna, que só Deus conhece; a natural, que é a participação da lei eterna no homem; e a positiva, escrita, que pode ser divina (Bíblia) e humana, que compreende a eclesiástica (Código Canônico) e a civil, abrangendo esta expressão tanto o direito privado como o público.

Só ouviram Tomás se queixar uma vez: lamentava a perda de um manuscrito de Crisóstomo.

Conta-se que se dava à levitação e ao depositar, na igreja de S. Domingos, em Nápoles, uma sua tese, diante da imagem do Crucificado, ouviu-se

uma voz que lhe respondeu: — "Bene scripsisti di me, Thoma !"

A convite de Carlos de Anjou volta a Nápoles para fundar uma escola. Grande cansaço dele se apodera. Em vão o instigam a concluir a Suma: falta a última parte, sobre Deus Redentor do Homem.

— "Impossível !" — replica o santo. "Vi coisas, ao lado das quais, tudo que escrevi é palha !"

Camponês realista, levando tudo ao pé da letra, inclusive a imagem física do diabo, o Dr. Martinho Lutero, cinco séculos depois, queima a palha, em praça pública, junto com as obras de Aristóteles — e, com esta fogueira, ateia outra no mundo.

Entretanto, Gregório X reclama a presença de São Tomás do Criador no concílio de Lião. Em pleno inverno, empreende a última viagem. Pressentindo a morte, é transportado para Fossanova. Enfermo, comenta ainda o Cântico dos Cânticos. E lá dormiu no Senhor, aos 7 de março de 1274, o patrono desta e de todas as Universidade católicas:

— "Recebo-te, preço de minha salvação. Por teu amor estudei, desvelei-me por inteiras noites. Por amor de ti me esgotei."

E aqui termino o resuminho do gigante, para que não me apliquem o que aconteceu lá no Céu; pois dizem que até lá em cima continuou o santo a filosofar.

No dia dos anos de Deus houve no Paraíso uma festa bacaníssima. O próprio Jesus se incumbiria de saudar o Pai Eterno. Ao que, São Tomás de Aquino impugnou com diversas objeções, entre as quais os laços de consangüinidade que uniam orador e homenageado. A disputa foi terrível. Houve prós e contras. Malaquias brigou com São Paulo. Jeremias chorava enquanto Ezequiel dizia o diabo de São Pedro. Um grande estrondo foi produzido por Moisés que, mais uma vez, deixara cair as tábuas da lei. Nisso Jesus intervém: — "Ah ! Tomás, meu filho tão amado, hoje é uma festa tão bonita, a festa de meu pai, e vem você com esta besteira de filosofia..."

BALADA DA ANTECIPAÇÃO TOMISTA

I

Não fique o meu paraninfado
sem a poesia imaterial;
versos vos tenho assegurado
na saudação deste final.
Também de vós não digo mal
se aqui no Verbo Aquino toma
sua boa parte espiritual:
"Bene scripsisti di me, Thoma !"

II

Que o padrinho ao afilhado
Adeus não diz, tão paternal,
deixando o seu "Muito obrigado"
em abraço mais que fraternal;
se diz a lei internacional:
todas as vias vão dar a Roma,
perseguireis o Santo Graal
a desfraldar vosso diploma.

III

Da lei sereis novo cruzado,
na positiva e natural;
vitória teve o boi alado
terrena e sobrenatural.
Que finalize o madrigal:
a Suma toda a quanto soma
perante a luz celestial?
"Bene scripsisti di me, Thoma !"

OFERTÓRIO

Esta balada medieval
pretende vos pôr em redoma;
— eis respondeu Cristo afinal:
"Bene scripsisti di me, Thoma !"

7 de março de 1974.
Milton Duarte Segurado